

Alcance não é diálogo: uma análise da comunicação da RAIC e RAIDTec 2025¹

Jonathan Oliveira Monteiro²
Lorena Lourenço do Nascimento³
João Vitor Carvalho de Freitas⁴
João Pedro de Almida Silva⁵
Yutá Rangel Garcia⁶

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

RESUMO

Este trabalho parte-se do problema de investigar em que medida a comunicação da RAIC e da RAIDTec 2025, realizada nas mídias sociais, promove uma comunicação dialógica ou reproduz um modelo difusionista. A pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência, fundamentado na perspectiva de Paulo Freire. A partir da análise de dados de desempenho e das dinâmicas comunicacionais, os resultados indicam elevada capacidade de alcance, especialmente para públicos externos, mas apontam limites na construção de relações dialógicas.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; extensão universitária; comunicação universitária; redes sociais; comunicação institucional.

INTRODUÇÃO

A Reunião Anual de Iniciação Científica (RAIC) e a Reunião Anual de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (RAIDTec), que integram a Jornada de Iniciação Científica (JIC) e a Semana de Pesquisa, Tecnologia e Inovação (SePTI), constituem o principal espaço institucional da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) para a exposição, circulação e debate da produção científica, tecnológica, artística e cultural. O evento reúne estudantes de graduação e pós-graduação, docentes e pesquisadores(as) de diferentes áreas e câmpus.

No contexto contemporâneo, marcado pela centralidade das plataformas digitais, a comunicação passa a ocupar papel estratégico nas universidades públicas, especialmente no que se refere à ampliação do acesso ao conhecimento por públicos não

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 29º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 14 a 16 de maio de 2026.

² Jornalista e bolsista da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da UFRRJ, sob supervisão da Coordenadoria de Comunicação, e coordenador de comunicação da RAIC&RAIDTec 2025, e-mail: jonathaniasd@ufrrj.br.

³ Estudante de Jornalismo da UFRRJ, e integrante da equipe de comunicação da RAIC&RAIDTec 2025 e-mail: llorenalou@ufrrj.br.

⁴ Jornalista e bolsista da Pró-Reitoria de Graduação da UFRRJ, sob supervisão da Coordenadoria de Comunicação, e coordenador de comunicação da RAIC&RAIDTec 2025, e-mail: freitas19@ufrrj.br.

⁵ Estudante de Jornalismo da UFRRJ, e integrante da equipe de comunicação da RAIC&RAIDTec 2025 e-mail: joaopedroni@ufrrj.br.

⁶ Estudante de Jornalismo da UFRRJ, e integrante da equipe de comunicação da RAIC&RAIDTec 2025 e-mail: yutadj10@gmail.com.

especializados. Conforme estabelece a *Política de Comunicação da UFRRJ (2025)*, essa prática deve se orientar pela democratização do conhecimento construído pela comunidade acadêmica, utilizando-se de canais e de linguagem acessível e não especializada para compartilhar informações com o público leigo. Além disso, a comunicação pública universitária deve manter compromisso ético com o interesse público, assumindo o combate à desinformação como responsabilidade prioritária.

É nesse cenário que se insere a comunicação da XII RAIC e da VI RAIDTec (2025)⁷, estruturada de forma integrada entre os câmpus de Seropédica, Nova Iguaçu e Três Rios, com a participação de jornalistas, docentes e estudantes em formação, atuando como “colaboradores da comunicação” (UFRRJ, 2025, p. 8). Para além de sua dimensão informativa, essa experiência pode ser compreendida como prática extensionista no campo do ensino de jornalismo, na medida em que articula formação acadêmica, produção comunicacional e interlocução com a sociedade.

No entanto, coloca-se uma questão central: em que medida essa prática de comunicação, mediada pelas mídias sociais, efetivamente promove uma comunicação dialógica com a sociedade ou reproduz um modelo difusionista de transmissão de informações? Essa problematização torna-se especialmente relevante quando considerada na perspectiva de Paulo Freire (1996), que compreende a educação e a comunicação como formas de intervenção no mundo, dotadas de diretividade e politicidade, sendo, portanto, práticas que jamais podem ser neutras.

Para Freire (1987, p. 58), a educação e, por extensão, a comunicação, não podem ser reduzidas à mera narração e transferência de conteúdos que transformam os sujeitos em “vasilhas” a serem enchidas pelo educador, sob pena de reforçar a chamada educação bancária e os processos de silenciamento e apassivamento. Em contraposição, o autor (Freire, 1983) propõe uma concepção dialógica, na qual a educação não é a transferência do saber, mas constitui-se como uma autêntica situação gnosiológica, um encontro de sujeitos interlocutores que buscam juntos a significação dos significados.

Tal perspectiva permite tensionar práticas institucionais de comunicação que, embora orientadas pela democratização do conhecimento, podem, na prática, reproduzir lógicas verticalizadas de comunicação. Diante disso, este trabalho tem como objetivo

⁷ Embora o evento tenha ocorrido entre os dias 10 e 14 de novembro de 2025, as atividades desta coordenação de comunicação abrangeram o período de 6 de novembro a 13 de dezembro de 2025, recorte adotado nesta pesquisa por corresponder à atuação da equipe analisada, tendo em vista que, em momentos anteriores, a comunicação do evento esteve sob responsabilidade de outros agentes institucionais.

analisar a comunicação da RAIC e da RAIDTec 2025 a partir da concepção freiriana de comunicação, buscando compreender suas potencialidades e limites enquanto prática extensionista, a partir da análise dos dados e das dinâmicas comunicacionais observadas na cobertura do evento.

COMUNICAÇÃO E EXTENSÃO EM PAULO FREIRE

Paulo Freire, em *Extensão ou Comunicação?* (1983), realiza uma crítica fundamental à noção tradicional de extensão, entendida como transferência unilateral de conhecimento. Para o autor, essa concepção implica uma relação verticalizada, na qual ele observa que “na medida em que, no termo extensão, está implícita a ação de levar, de transferir, de entregar, de depositar algo em alguém” (Freire, 1983, p. 14).

Essa mesma lógica se aproxima daquilo que o autor denomina, mais tarde, de educação “bancária”, na qual “o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (Freire, 1987, p. 58). A mesma lógica em que, anteriormente, Freire propôs a comunicação como prática dialógica, na qual, “a comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua co-participação no ato de compreender a significação do significado” (Freire, 1983, p. 69).

Nesse horizonte, não há emissores e receptores fixos, mas sujeitos que se constituem mutuamente no processo comunicativo, superando a contradição entre educador e educando, pois: “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 39). A comunicação, portanto, deve ser compreendida como práxis (ação e reflexão) voltada à produção coletiva de sentido e à transformação da realidade. Freire reforça em outra obra, acerca dos saberes necessários à prática educativa, que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 22). Dessa forma, a comunicação universitária só se configura como prática extensionista, em sentido freiriano, quando promove o encontro de sujeitos interlocutores e a participação ativa na significação do mundo, superando a lógica da simples difusão ou persuasão propagandística.

METODOLOGIA⁸

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, centrado na análise da cobertura jornalística da RAIC e RAIDTEC 2025. A equipe responsável pela comunicação direta do evento foi composta por cinco integrantes: dois jornalistas coordenadores bolsistas sob supervisão da Coordenadoria de Comunicação Social da UFRRJ, dois estudantes em estágio supervisionado obrigatório em Jornalismo e um estudante de jornalismo voluntário. Além disso, contou-se com a participação de uma docente da área de Jornalismo e seus 42 estudantes, que realizaram a cobertura como atividade avaliativa no câmpus Seropédica. Nos câmpus de Três Rios e Nova Iguaçu, a cobertura contou com a colaboração de uma docente em cada câmpus e estudantes de diversos cursos envolvidos na organização local do evento. A produção incluiu conteúdos multimídia, como matérias jornalísticas, registros fotográficos, vídeos e publicações em redes sociais, além de textos em portais institucionais.

AS ATIVIDADES E ANÁLISE CRÍTICA

A estratégia de comunicação adotada foi estruturada a partir de uma lógica intercâmpus, com centralização da edição e descentralização da produção. As publicações em redes sociais seguiram padronização visual e foram difundidas por meio de perfis institucionais, atendendo ao objetivo da *Política de Comunicação* (UFRRJ, 2025) da universidade de fortalecer a identidade institucional. A participação discente possibilitou a articulação entre teoria e prática, como um processo formativo alinhado à perspectiva de Paulo Freire de indissociabilidade entre ensinar e aprender, uma vez que não existe ensinar sem aprender (Freire, 2001).

Essa experiência materializa também a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, conforme previsto no artigo 207 da Constituição Federal do Brasil e reafirmado pela Política de Comunicação da universidade (UFRRJ, 2025), com a comunicação atuando como mediação entre essas dimensões. A cobertura contribuiu para ampliar a visibilidade da produção científica da instituição. Contudo, como alerta Freire (1992), a simples circulação de informações não garante a construção de

⁸ Na elaboração, edição e revisão deste resumo expandido, recorreu-se ao uso de ferramentas de Inteligência Artificial generativa, especificamente o NotebookLM (Google) e o ChatGPT (OpenAI), empregadas como apoio instrumental à redação acadêmica. Tais ferramentas foram utilizadas para revisão linguística (ortográfica e gramatical), aprimoramento da coesão e coerência textual, bem como para adequação de citações e referências às normas da ABNT. Destaca-se que a definição do problema de pesquisa, a coleta e análise dos dados, as escolhas epistemológicas e a autoria intelectual do trabalho são de responsabilidade exclusiva dos autores.

consciência crítica; o ensino centrado apenas na palavra, sem o exercício reflexivo de leitura e releitura do mundo, é científica, política e pedagogicamente capenga. Embora a estrutura adotada favoreça a organização e o alcance configurando canais de relacionamento setoriais geridos por agentes da universidade (UFRRJ, 2025), ela indica a predominância de fluxos institucionais de comunicação nos quais a universidade ocupa o lugar central de emissão, o que demanda atenção para que o caráter dialógico não se perca.

A experiência analisada e vivenciada sinaliza tensões operacionais e contradições estruturais relacionadas ao papel da comunicação universitária na produção e circulação do conhecimento científico. Os dados quantitativos analisados foram extraídos dos *insights* do evento no *Instagram*⁹, contemplando métricas como volume de publicações, número de visualizações e proporção de alcance entre seguidores e não seguidores.

A análise abrange os meses de novembro e dezembro, período de maior concentração da cobertura. Em novembro, foram publicados 6 *reels* e 49 *posts*, totalizando 55 conteúdos, que alcançaram 603 mil visualizações, sendo 69% provenientes de não seguidores. Em dezembro, houve redução no volume de publicações, com 12 conteúdos e 108 mil visualizações, das quais 73% vieram de não seguidores. Apesar da diminuição no número absoluto de visualizações, observa-se aumento proporcional do alcance externo (de 69% para 73%), indicando manutenção da capacidade de difusão para públicos além da base de seguidores.

A estratégia incluiu ainda a produção de 389 *stories*, apontando o uso intensivo de formatos de atualização em tempo real. Além disso, foram identificadas cerca de 50 publicações externas em colaboração com outros perfis institucionais, ampliando a capilaridade da comunicação. Quanto à tipologia, os conteúdos foram organizados em dois formatos principais: (a) informativos sobre o funcionamento do evento e (b) conteúdos de cobertura, indicando segmentação comunicacional voltada tanto à orientação quanto ao registro das atividades. Paralelamente, foram publicadas 29 notícias no portal institucional, sendo 21 produzidas por estudantes no contexto de uma disciplina.

⁹ Perfil oficial da RAIC e da RAIDTec 2025 na plataforma Instagram, utilizado como principal canal de divulgação e cobertura do evento: <https://www.instagram.com/raic.ufrrj.raidtec/>

Em conjunto, os resultados apontam para uma estratégia multimodal, com significativa capacidade de alcance. Contudo, a centralidade em métricas quantitativas como visualizações e alcance revela limites analíticos severos para compreender a qualidade das relações comunicacionais estabelecidas. Nesse sentido, emerge uma forte tensão entre alcance algorítmico e dialogicidade autêntica. Embora os conteúdos tenham atingido públicos ampliados, a dinâmica observada aproxima-se de um modelo informacional unidirecional, no qual a instituição ocupa o lugar central de emissão, operando por meio da mera extensão de comunicados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, um alcance volumoso deve ser acompanhado de processos de problematização que considerem suas próprias contradições, apontando para a necessidade de superação de um paradigma comunicacional centrado exclusivamente em métricas quantitativas. Nesse sentido, coloca-se algumas questões para o campo da comunicação, especialmente no âmbito universitário: como estruturar indicadores qualitativos que permitam aferir não apenas o alcance, isto é, quem teve acesso ao conteúdo, mas, sobretudo, os níveis de apropriação crítica do conhecimento científico pela sociedade, considerando de que modo os sujeitos interagem, problematizam e ressignificam os conteúdos? E, considerando que 73% do alcance observado provém de públicos externos à base de seguidores, torna-se fundamental indagar como a comunicação universitária pode promover a “investigação dos temas geradores” (Freire, 1987, p. 54), partindo das dúvidas, experiências e necessidades concretas dessa comunidade externa.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.
- FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ). **Política de Comunicação da UFRRJ**. Seropédica: Coordenadoria de Comunicação Social (CCS), 2025.